



Caminhos do sul global, resistências aoneoliberalismo e ao risco de um ‘holocausto urbano’: desafios para aeducação física e a ciências do esporte.

01 a 06 de setembro de 2025

São Paulo



CORPO, TEMPLO E ESCULTURA: SENTIDO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO FISCULTURISMO

Eliphas Levi Aguiar Marques; Demerson Godinho Maciel e Samuel Estevam Vidal.

✉ demersongmaciel@gmail.com



INTRODUÇÃO

No interior das rotinas do fisiculturismo, entrevem algo que ultrapassa a busca por músculos: um esforço contínuo de moldar o próprio destino. A construção física parece carregar um desejo de autoformação, onde disciplina, estética e potência se entrelaçam em tensão criativa (Schwarzenegger, 2001). O corpo deixa de ser apenas biologia ou máquina de desempenho, tornando-se expressão, linguagem e, quem sabe, morada sensível do ser (Le Breton, 2007).

OBJETIVO

Compreender, a partir do olhar de atletas fisiculturistas, quais sentidos são atribuídos ao corpo musculoso e de que modo essas experiências revelam motivações para ingressar, permanecer e se (re)construir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, descritivo e analítico, que utilizou como método a entrevista semiestruturada. Participaram do estudo três atletas do sexo masculino, federados à IFBB-DF, selecionados por conveniência. A análise dos dados foi conduzida segundo a técnica de Análise de Conteúdo, desenvolvida em três etapas:

- 1 Pré-análise, com organização do corpus e formulação de hipóteses iniciais.
- 2 Exploração do Material, com codificação e categorização das unidades de significado.
- 3 Tratamento dos Resultados, com inferência interpretativa e articulação com os objetivos da pesquisa.

CAAE
nº 51661921.7.0000.5058



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na carne esculpida, muitos veem apenas força e vaidade, mas há quem encontre morada, linguagem e abrigo. O corpo musculoso, mais do que resultado de repetições e dietas, emerge como superfície simbólica de um desejo mais fundo — aquele de existir com clareza, com forma e com direção.



“Se no dia eu deixo de treinar, meu dia não rende, eu fico com dor de cabeça, parece que tem algo faltando” (Fisiculturista 3).

O corpo, aqui, deixa de ser apenas biologia e se torna biografia, ponto de ancoragem de um sujeito em constante busca de si (Le Breton, 2007; Mendes; Franco; Ohl, 2019).

Ingressar nesse universo raramente é decisão planejada. Muitas vezes é o encontro — com um ambiente, com alguém, com um espelho — que convida à travessia.



“Foi meio de paraquedas... é uma influência do chefe que mexia com isso daí” (Fisiculturista 1).

A descoberta de si entre halteres e espelhos não vem como imposição, mas como sedução: um chamado silencioso que atravessa o olhar e chega ao músculo. A musculatura, antes distante, começa a sugerir novos modos de ser, e o desejo de pertencer se funde à vontade de transforma-se (Estevão, 2005; Andréasson; Johansson, 2014). Permanecer é mais difícil do que começar. O tempo exige constância, e o cotidiano cobra sacrifícios que poucos estão dispostos a pagar.



“É algo que você carrega 24 horas por dia... se você não tiver uma mente forte, isso quebra muito o platô” (Fisiculturista 2).

O corpo se impõe como disciplina encarnada: comer, dormir, renunciar, insistir. E na persistência silenciosa, constrói-se também a identidade do atleta, forjada não apenas pelo que se vê, mas pelo que se suporta. O fisiculturismo, nesse ponto, exige uma ética do esforço, que não se mede apenas em músculos (Mendes; Franco; Ohl, 2019; Schwarzenegger, 2001). A reconstrução não é apenas física: ela é subjetiva, contínua, e frequentemente solitária.



“Eu me vejo como uma escultura, então eu vou tentando me modelar...” (Fisiculturista 2).

O atleta não modela apenas o corpo — modela a si mesmo. Compara versões passadas, reordena hábitos, refaz propósitos. O palco, quando chega, é apenas a superfície visível de um processo invisível de reinvenção cotidiana. Nesse percurso, o corpo se torna testemunho e linguagem de um caminho trilhado com silêncio, dor e entrega (Le Breton, 2007; Mendes; Franco; Ohl, 2019; Schwarzenegger, 2001).

Ao final, compreende-se que o fisiculturismo não é apenas um esporte: é uma forma de habitar o mundo.



“É o meu momento, sou eu... mostrando o trabalho que eu fiz” (Fisiculturista 2).

O *shape*, o troféu, a foto não são fins — são rastros de um percurso em que o corpo foi esculpido como expressão sensível de um modo de ser e viver. Nesse gesto, o atleta não apenas expõe sua força, mas a própria fragilidade de quem precisa moldar, incessantemente, um sentido para si (Le Breton, 2007; Estevão, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fisiculturismo, o corpo torna-se linguagem e abrigo. Ingressar é responder a um chamado interno; permanecer é sustentar disciplina e desejo; reconstruir-se é moldar identidade entre dor, silêncio e superação. Cada músculo esculpido carrega sentidos e histórias — expressões de um modo de existir que transforma o corpo em projeto de si.

REFERÊNCIAS

- ANDREASSON, J.; JOHANSSON, T. The Fitness Revolution: Historical Transformations in the Global Gym and Fitness Culture. *Sport Science Review*, Buchareste, v. 23, n. 3-4, p. 91-112, agosto 2014.
- ESTEVÃO, A. Prática do fisiculturismo: significados. *Motrivivência*, n. 24, p. 40-58, Santa Catarina, junho 2005.
- LE BRETON, D. A sociologia do corpo. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MENDES, M. I. B. de S.; FRANCO, M. A.; OHL, F. La construction du corps par le bodybuilding au Brésil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 25, e25010, 2019.
- SCHWARZENEGGER, A. Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.